

**I CONACSO – CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS:  
DESAFIOS DA INSERÇÃO EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS.  
23 A 25 DE SETEMBRO, UFES, VITÓRIA-ES**

**AS CONEXÕES EM SS NA REDE ESOTÉRICO-UMBANDISTA NO SUL DO  
ESPÍRITO SANTO**

Diogo Bonadiman Goltara  
Universidade Federal do Espírito Santo

**Resumo:**

Irei falar aqui de eventos situados na região que compreende Sul do Espírito Santo e parte das regiões norte do RJ e sudeste de MG, particularmente a região banhada pelos rios Itapemirim e Itabapoana. Este lugar é delineado por uma rede de comunidades de terreiro conectadas entre si por meio de contratos rituais cujo objetivo é a produção coletiva de oferendas aos santos padroeiros de uma irmandade e, com isso, a produção de um tipo de socialidade próprio das irmandades espíritas. As irmandades ou povos de terreiros se organizam em torno de um templo, que pode ser um complexo de edificações ou apenas um quarto anexo à moradia da família do zelador do terreiro. Este é o tipo de organização da maior partes das comunidades remanescentes de quilombos da região.

**Palavras-chaves:** Religiões de matriz africana; relação humanos e não-humanos; Espírito Santo (estado).

São Jorge que fez a roda  
Caboclo que vem rodar  
Sou marinheiro  
Moro nas ondas do mar  
Marinheiro vai-se embora  
Você fica no lugar.

(Ponto de caboclos da corrente dos Calunga)

Esta comunicação tem dois intuitos. Um deles deve-se ao compromisso assumido com as comunidades negras rurais e urbanas aqui apresentadas de divulgar os seus modos de criatividade cultural, de organização social e das suas relações instituídas com as demais irmandades e com as entidades espirituais do contexto social que irei tentar apresentar. Neste espaço remeto-me a alguns conceitos que podem ser inseridos em um diálogo franco de tais comunidades com a comunidade acadêmica. Além disso, busca-se problematizar o conceito de “ocupação tradicional do território”, uma vez que a dinâmica organizacional de tais comunidades extrapola a noção de território cercado por fronteiras fixas, mas define-se, em grande medida, pelo fluxo dos contínuos deslocamentos.

\*\*\*

Irei falar aqui de eventos situados na região que compreende Sul do Espírito Santo e parte das regiões norte do RJ e sudeste de MG, particularmente a região banhada pelos rios Itapemirim e Itabapoana. Este lugar é delineado por uma rede de comunidades de terreiro conectadas entre si por meio de contratos rituais cujo objetivo é a produção coletiva de oferendas aos santos padroeiros de uma irmandade e, com isso, a produção de um tipo de socialidade próprio das irmandades espíritas. As irmandades ou povos de terreiros se organizam em torno de um templo, que pode ser um complexo de edificações ou apenas um quarto anexo à moradia da família do zelador do terreiro. Este é o tipo de organização da maior partes das comunidades remanescentes de quilombos da região.

Cada uma destas irmandades mantêm uma relação especial com um santo padroeiro, pela qual fluem dádivas e contra-dádivas, deveres e obrigações. As dádivas recebidas – que se acumulam a partir de um dom inicial, a partir do qual o templo é erigido em “homenagem” ao santo – devem ser retribuídas por uma oferenda anual suntuosa e é bom que conte com a presença de outras irmandades. Ao receber a visita de uma irmandade para incorporar sua oferenda, a casa deve retribuir, na mesma medida, na ocasião da festa da comunidade que a visitou.

Para se ter ideia da magnitude deste **sistema de jornadas**, cito o caso do Centro Menino Jesus, de Mãe Izolina, localizado no bairro Zumbi, município de Cachoeiro

de Itapemirim (ES). A oferenda deste centro à padroeira Nossa Senhora Aparecida acontece no dia 12 de outubro. Durante quase dois dias inteiros, o centro recebe em média 50 Jornadas. Isso significa que a irmandade de Mãe Izolina deverá “jornalar” 50 vezes durante o ano para ‘pagar jornadas’ – caso queira que todas elas retornem no próximo ano. Mas não basta visitar as jornadas, é preciso recebe-las com hospitalidade, o que envolve muito trabalho. Este trabalho é o sacrifício ofertado à santa. O número de bandeiras depositadas no altar pelas jornadas visitantes indica, para a santa, o sacrifício da irmandade não apenas naqueles dias, mas durante todo o ano, o que na prática implica em um trabalho sacrificial ininterrupto.

Este sistema de visitas mútuas engendra uma série de deslocamentos cuja transversalidade pode ser entendida pela amplitude do conceito ‘jornada’. As **Jornadas** são coletivos de devotos – os “jornaleiros” – divididos nas tarefas de conduzir o conjunto musical (bumbos e caixas, metais ou flautas de taquara cuja divisão de vozes produz uma singular polifonia), dançar o bate-flecha (duplas de dançarinas que, empunhando flechas, criam padrões compostos por passos e ataques de flechas) e carregar a bandeira do padroeiro. No ritual de chegada, quando a jornada é recebida pelo grupo de músicos e flecheiras locais, a bandeira é conduzida ao altar do santo da casa que nesta ocasião realiza a oferenda. Na medida em que a bandeira incorpora não apenas o santo, mas a força espiritual do centro – isto é, a sua corrente – a Jornada é um deslocamento que envolve muito zelo em função dos perigos do caminho que de certo modo são atraídos por tal exposição da hierofania do terreiro. Mas o termo jornada é utilizado também para descrever outros tipos de deslocamentos.

São denominadas de jornadas, por exemplo, as biografias dos filhos e filhas de santo (que em suas trajetórias pessoais participam de diferentes irmandades), os deslocamentos das entidades espirituais entre planos da cosmografia umbandista e até mesmo a viagem entre Aruanda (aldeia mítica habitada pelas entidades espirituais) e o corpo do médium que as incorpora nos ‘trabalhos’ espirituais. A amplitude do conceito resvala no fato de todas essas jornadas estarem interconectadas. Todo membro de uma irmandade, não importa sua hierarquia, tem uma missão a pagar – e em muitos casos mais de uma – e esta missão envolve sempre algum tipo de deslocamento, ou seja, uma jornada. Assim, os zeladores mantêm uma missão com o

santo padroeiro, mas esta missão só pode ser paga porque os médiuns, envolvido em suas missões com suas entidades de frente (os donos das suas cabeças) criam as condições necessárias para que a missão da casa seja realizada. A oferenda anual oferece condição exata para que se possa vislumbrar o esforço que, durante todo o ano, a zeladora e seus filhos e filhas realizaram nas jornadas para coletar jornadas para a sua festa; o número de irmandades e visitantes é o índice da extensão da rede de um centro. Desse modo, a Jornada de visitação é necessária para que as demais jornadas se mantenham em fluxo constante.

As casas de oração que fazem parte do que chamo de ‘sistema de conexões por jornadas’ posicionam-se de maneiras distintas no interior de um gradiente entre duas tendências doutrinárias. Uma delas, identificada como umbanda ou ‘corrente africana’, é de ocorrência mais urbana; já a segunda é chamada de Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento (CECP) ou simplesmente ‘corrente esotérica’ e as casas que pertencem a este polo se concentram nas áreas rurais. Cada casa efetua uma síntese particular entre tais doutrinas e pode chegar a ser identificada – por contraste – unicamente com uma delas; entretanto, todas as casas imersas no circuito jornalheiro participam, em algum nível de intensidade, de um processo sincrético entre tais doutrinas. Considero que essa multiplicidade, que na prática é denominado como ‘diferença de ritmo’, esteja ligada às sínteses biográficas que os filhos e filhas de santo fazem durante seus deslocamentos pessoais por comunidades e doutrinas distintas.

As dinâmicas comunitárias resultantes de tais deslocamentos variam de acordo com o modo de inserção de cada irmandade no sistema de jornadas. Como as parcerias são construídas de acordo com o engajamento de seus membros, uma vez que as missões jornalheiras estão todas relacionadas, cada comunidade tem seu próprio segmento de rede, no qual se inscrevem as irmandades ligadas entre si diretamente por contratos sociais. Este sistema produz uma forma organizativa e uma relação com o território baseadas no movimento, e não apenas na fixação.

O caso aqui é que este movimento não se restringe a um plano de existência apenas. O deslocamento de pessoas e grupos e seus encontros e apartamentos é parte importante da organização social destas comunidades. Os laços de reciprocidade entre casas

parceiras na rede de jornalheiros é estriado por outros compromissos mútuos, tais como relações de parentesco que podem vir antes ou após o contrato entre as irmandades. Mas ignorar os agenciamentos invisíveis é perder de vista a complexidade e a extensão destes movimentos. A relação sócio-política entre as irmandades, cuja extensão e intensidade pode ser testemunhada pelo número de filhos e filhas de santo que participam dos festivais, é denominada localmente como “rede”. Ao referirem-se a este conceito, é comum que se qualifique este tipo de conectividade como produzindo, a partir das inúmeras irmandades presentes, ‘uma irmandade universal’. Por outro lado, a força que incita a reciprocidade entre coletivos é denominada de ‘corrente espiritual’. Segue-se que entre duas irmandades parceiras da rede esotérico-umbandista, flui também uma energia espiritual.

O termo ‘corrente espiritual’ adquire alguns contornos especiais ao transitar pelos dois polos significativos (aliança e fluxo). É uma corrente que tanto conecta quanto faz fluir a energia. Porém, em oposição aos grilhões do cativeiro – a corrente que cerceia, que prende, construída por argolas de ferro fechadas, as correntes que cortam o fluxo dos escravos nas senzalas, denunciadas pelos sofridos passos dos pretos velhos nas giras da umbanda – a corrente espiritual é unida por elos em ‘S’ (conectar correntes distintas é ‘dar um S na corrente’). Além disso, cada S de uma corrente é composto de outras correntes, como um fractal: uma casa de oração é um S da corrente que é a rede esotérico-umbandista; por outro lado, uma casa faz parte da corrente umbandista ou da corrente da comunhão do pensamento; uma doutrina, umbandista ou esotérica, é composta pelas suas correntes de entidades espirituais, e assim por diante. De fato, os SS são os pontos da rede esotérico-umbandista em todos os seus planos e em toda a sua complexidade, de modo que a noção de corrente eleva essa rede aparentemente homogênea ao status de uma rede híbrida.

Além disso, trata-se de uma corrente que, para realizar suas funções (conectar e fazer fluir) deve ser mantida tensionada e em movimento, ou seja, a relação entre os SS precisa ser trabalhada e conservada (isto é, zelada) por meio das prestações e contraprestações denominadas de missões. Uma jornada é uma missão porque conecta as duas casas – os dois SS. Para manter a corrente ligada com um guia, o médium ou a média deve cuidar da sua missão com sua corrente de espíritos; também as entidades espirituais estão em missão para alcançar outros planos de existência (‘subir’). Dessa

forma, as missões mantêm a corrente tencionada e os *SS* conectados; caso contrário, a corrente afrouxa e se desfaz. Segue-se que uma corrente é também um circuito de missões e que as missões tencionam as correntes. Em suma, a corrente da rede esotérico-umbandista é um princípio e uma força que *movimentam* as relações sociais.

As correntes criam uma simetria entre os agentes envolvidos. Seja qual for a sua composição, é o fluxo que importa. Existem correntes que ligam filhos e filhas de santo, pessoas e espíritos, falanges de entidades espirituais, casas de oração. A ligação dos *SS* das correntes transmite mensagens e sentimentos. A qualidade das relações – o nível de compromisso – é importante para fazer fluir uma corrente. Da mesma forma, a intensidade do fluxo varia de acordo com o vigor do compromisso da irmandade na rede esotérico-umbandista. Investidas nessa conexão, as correntes das casas ficam ligadas entre si, de modo que, durante uma sessão normal de um centro, pode-se invocar as correntes de uma outra casa sem que haja necessidade do intermédio da Jornada. Nesse sentido, quando uma corrente está ligada, todos os *SS* são importantes, pois cada pessoa ou entidade espiritual sintetiza uma miríade de relações que são intensificadas nesse evento. São essas relações tensionadas que dão corpo e fazem fluir uma corrente. Por outro lado, se qualquer *S* se soltar, todo o fluxo para, o que pode gerar danos a todos envolvidos na corrente. Um fluxo que cessa, represa, acumula e pesa. ‘Pesada’ é a missão, a cruz que se carrega. Aliviar o peso é ‘jornalar’, isto é, movimentar os fluxos materiais e espirituais. O médium experimenta a leveza ao final de uma jornada de visitação tanto quanto ao final de uma sessão de incorporação, situações em que o acúmulo de ‘fluido santo’ é distribuído pela rede.

Por fim, as correntes são ‘distribuídas’. Distribuir uma corrente implica tanto na dispersão dos ‘fluidos santos’ quanto na propagação de uma missão. Assim, quando as entidades espirituais descem à gira, suas missões particulares são distribuídas entre os filhos e filhas de santo da irmandade. O ponto de caboclos utilizado como epígrafe expõe esta situação. Após a realização de uma sessão de cura, por exemplo, a ‘missão’ deve ser distribuída no sentido inverso, ou seja, deve ser elevada para que os santos deem continuidade ao trabalho de limpeza espiritual. Caso isto não seja feito, a cura pode não ser efetivada de modo eficaz e duradouro e, além disso, os médiuns, cujos corpos ficaram por tanto tempo abertos aos fluxos energéticos, bons e ruins, podem adoecer em função deste acúmulo.

Rede é um termo utilizado para expressar a amplitude das irmandades conectadas entre si e implicadas pelos contratos de jornadas – de modo que, uma casa pode ser mais próxima de outra que se situa há centenas de quilômetros do que de outra que esteja no mesmo bairro. Já o conceito de corrente é utilizado para exprimir o fluxo espiritual que flui nas malhas desta rede e também para falar de um princípio de conectividade. O contrato de jornadas, nesse sentido, é apenas uma instância desta conectividade transversal que leva em conta também o fluxo das entidades espirituais.

É a partir desta transversalidade de modos de existência que denomino o tipo de vínculo entre comunidades negras nesta região como ‘socialidade quilombola’, cuja definição, arrisco a dizer, se passa pela contiguidade dos planos material e espiritual. É nesse marco que se pode pensar a construção coletiva dos valores éticos entre tais comunidades. Esta ética particular, construída em parceria com os pretos velhos – guardiões da memória afrodescendente – e com os caboclos – entidades inclinadas à conexão entre as comunidades – deve-se também à dinâmica de transformação dos valores das bandeiras no ínterim dos contratos das jornadas. A rigor, as irmandades se mantêm em um ciclo de inversões em relação aos seus parceiros. Em um momento estão em débito com o santo, mas em crédito com as outras irmandades. Na oferenda, que é o momento em que a irmandade reúne temporariamente sua rede, estes sinais se invertem: o santo passa a ‘dever’ bênçãos à comunidade, mas esta passa a estar em débito com as irmandades. O impulso jornalheiro deve-se à necessidade de se fazer com que esta dinâmica não estacione. Se isto acontece, a irmandade que rompe o fluxo irá acumular energia negativa.

Tem-se, assim, que a religião é um modo associativo que, nas comunidades em questão, é um idioma que incorpora humanos e entidades espirituais em um mesmo plano da realidade social. As entidades espirituais – em especial os pretos velhos e os caboclos, cujas correntes estão presente tanto nas casas umbandistas quanto nas esotéricas – devem ser tomadas como parte da vida social, de acordo com sua relevância no discurso e na vida dos filhos e filhas de santo. Leva-se em conta as duas faces da experiência religiosa para descrever este universo, uma mais sistêmica e coletivizada e outra mais subjetiva e particularizada:

“(…) *religión* se refiere a sistemas articulados de creencias, prácticas rituales y explicación del mundo, los cuales se pueden manifestar en los casos más cerrados, bajo el formato de dogmas o, en los más abiertos, en representaciones colectivas; mientras *espiritualidad* es el modo en que un determinado individuo internaliza, absorbe y desarrolla, de una manera idiosincrática, aquél camino particular o modelo de unión (...) propuesto por la religión a la cual adhiere. Así, espiritualidad implica en una dimensión de subjetividad trabajada, de experiencia religiosa que puede incluso trascender la norma o la expectativa formal de la comunidad de adeptos. De un modo similar al mundo del arte, la espiritualidad es siempre algo que se realiza en la singularidad” (Carvalho, 2001: 03; grifos adicionados).

Valho-me de tais conceitos para pensar um contexto em que as várias faces do universo espiritual umbandista mantém uma tensão entre particularização e coletivização dos símbolos, das interpretações da totalidade que abarcam o mundo dos seres com existência material ou imaterial – almas, espíritos, santos e deuses – nas práticas rituais, por meio de um circuito de compromissos que compreende tanto a dimensão da singularidade e da criatividade quanto a das representações coletivas. Ciente de que os processos sociais não se resumem a um tipo de vínculo específico, mas criam agenciamentos em planos diversos, parto da suposição de que, no universo do circuito jornalero, as relações mais amplas e mais duradouras entre casas de oração são inevitavelmente atreladas aos vínculos entre filhos e filhas de santo entre si e entre eles e as entidades espirituais.

#### Referências:

ALVARSON, J. A. (Org.); SEGATO, R. L. (Org.) *Religions in Transition: Changing Religious Adhesions in a Merging World*. Upsala: University of Uppsala Press, 2003.

CARVALHO, José Jorge. “El Misticismo de los Espíritus Marginales”. *Serie Antropologia*, nº 294. Brasília: Depto. de Antropologia/ Universidade de Brasília, 2001.

RILES, Annelise. *The Network Inside Out*. The University of Michigan Press, 2001.



STRATHERN, Marilyn. "Cutting the Network". *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, Vol. 2, No. 3 (Sep., 1996), pp. 517-535.